

ANEXOS

O DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA DA
AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EM 1940

*Relatório apresentado pelo Diretor em 15 de Janeiro
de 1941 a S. Ex. o sr. major Levy Sobrinho, digno
Secretário da Agricultura, Indústria e Comércio de
São Paulo.*

Exmo. Sr. Secretário,

Tenho a honra de passar às mãos de v. exa., a súmula dos trabalhos, principais fatos e realizações verificadas no Departamento de Zoologia, durante o ano de 1940.

Foi, de fato, o ano passado, de grandes atividades e apreciáveis progressos para a instituição, não obstante continue ainda ela a lutar com os mais sérios embaraços e dificuldades, originados principalmente pelo acanhamento absoluto do espaço de que dispõe, e à exiguidade do número de seus funcionários, quer técnicos quer administrativos. Felizmente, porém, graças à esclarecida boa vontade do Govêrno, esta situação promete brevemente transformar-se, adquirindo a repartição a sede própria de que tanto necessita e recebendo novos acréscimos ao seu pessoal.

Assim, por que acuda a um problema cuja importância neste momento se avanta à de todos os demais, o lançamento da pedra fundamental e o início imediato da construção da sede própria, foi, sem dúvida, o acontecimento mais memorável na história do Departamento de Zoologia, durante o ano transato. Só poderá sobrepujá-lo em alcance e significação a inauguração do novo prédio, que tudo leva a crer deverá verificar-se durante o ano vigente. Por ocasião daquela memorável solenidade, em discurso de saudação às altas autoridades que a presidiram, tive ensejo de abordar os assuntos mais relevantes relacionados com as finalidades e futuro do Departamento de Zoologia, procurando exprimir claramente a elevada missão que, a meu ver, lhe cabe cumprir.

Propugnei, então, algumas modificações na sua estrutura, tendentes à simplificação de seu quadro e, do mesmo passo, à melhor homogeneidade e sinergia do conjunto. Tenho ainda hoje aquela medida como inteligente e necessária, visto que, do contrário, teremos sempre um organismo agigantado, porém defeituoso e débil, mercê da impossibilidade flagrante de pôr em funcionamento harmônico as diferentes partes de seu conjunto.

TRABALHOS REALIZADOS PELAS DIVISÕES TÉCNICAS

As atividades técnicas desenvolvidas nos gabinetes do Departamento de Zoologia durante o ano findo podem emparelhar-se com as por êle dispendidas nos outros setores. Infelizmente, porém, pouco pude nelas tomar parte, em face das exigências açambarcadoras das obrigações burocrático-administrativas. Assim, no preparo da segunda parte do *Catálogo das Aves do Brasil*, trabalho que com tanta insistência reclamam os interessados no ramo, só me foi possível realizar progressos limitados, embora despendesse na repartição mais de oito horas de trabalho diário. Tampouco pude concluir o estudo da grande coleção de aves e mamíferos trazida do vale mineiro do Rio Doce. Tal situação por certo prejudicialíssima aos interesses e tradições que o instante necessita defender a todo transe, será porém, como vimos, provavelmente transitória. Prende-se ela em parte à falta de espaço e consequente impossibilidade de boa ordem com que a repartição se vê a braços, angustiada nas salas estreitas do último pavimento do prédio do Museu Paulista; mas, em muito maior parte, decorre da deficiência de auxiliares para o serviço administrativo. Empenhado como está o Governo em dotar o Departamento de uma sede ampla e adequada, também por certo não descurará de socorrê-lo nesta outra necessidade premente, provendo-o de maior número de funcionários, dedicados e idôneos.

Procurando inventariar os trabalhos zoológicos realizados no instituto, e adotando o critério da seriação natural dos assuntos, devo referir em primeiro lugar o estudo monográfico, ainda em elaboração, dos Quirópteros do Brasil, pelo Snr. Carlos da Cunha Vieira, não obstante assistente-auxiliar da divisão de Aves. Sabe-se quão interessante e útil se tornou ultimamente o estudo desta ordem de Mamíferos, sobre que pesa a acusação fundamentada de transmitir a raiva epizoótica e eventualmente a humana.

A Divisão dos Peixes foi das que experimentaram mais importantes modificações, saindo da situação marasmática em que se encontrava desde os tempos do Museu Paulista, à falta de pessoas que pudessem dedicar suas atenções àquele importante grupo de animais. Graças à extrema diligência do assistente, D. José Kretz, e dos esforços não menos assíduos de sua auxiliar, D.^a Antonia do Amaral Campos, acha-se já hoje a coleção de Peixes em perfeita arrumação e boa ordem. Tal fato é tanto mais digno de acentuar-se quanto, só em meados do ano pudera aquele assistente repartir suas atenções com os trabalhos da Divisão, aliviado dos labores outros que ainda o ocupam junto à Secretaria da Agricultura. Conforme o relatório apresentado a esta Diretoria por aquele digno assistente, a coleção de



S. EXCIA. DR. ADHEMAR PEREIRA DE BARROS,
DD. Interventor Federal em São Paulo.



S. Ex.ª o MAJOR JOSÉ LEVY SOBRINHO
D. Secretário da Agricultura, Indústria e Comércio



Exmo. Sr. Dr. JOSÉ DE PAIVA CASTRO,
D. Diretor Geral da Secretaria da Agricultura

peixes orçava em 18 de dezembro de 1940 por nada menos de 10.455 exemplares conservados em álcool, 270 exemplares empalhados e 7 crâneos. A coleção em álcool, que é a mais rica e ao mesmo tempo a mais valiosa, distribue-se nas famílias seguintes:

Characidae	4.603 exemplares
Siluridae	1.239 "
Loricariidae	1.167 "
Cyprinodontidae	771 "
Cichlidae	739 "
Sciaenidae	204 "
Gymnotidae	196 "
Gobiidae	168 "
Carangidae	154 "
Pleuronectidae	108 "
Tetrodontidae	79 "
Clupeidae	77 "
Atherinidae	63 "
Eucinostomidae	61 "
Haemulidae	57 "
Labridae	55 "
Symbranchidae	54 "
Syngnathidae	43 "
Serranidae	42 "
Sparidae	40 "
Chaetodontidae	33 "
Blenniidae	23 "
Muraenidae	22 "
Outras famílias	285 "
Não determinados	173 "

A par dêste trabalho, procedeu-se também à organização do fichário sistemático do material classificado, de modo a facilitar o seu estudo e aproveitamento nos futuros trabalhos técnicos. A Divisão contribuíra ainda, para a exposição pública, com um esqueleto de gigantesco exemplar da raia *Manta chrenbergii*, a "jamanta" dos nossos pescadores, proveniente da nossa costa atlântica. Trabalho em extremo penoso e delicado, tomou-o a peito a operosa sub-assistente da Divisão, não hesitando para o êxito feliz de sua empresa em realizar a Santos repetidas viagens. Em dezembro estivera ainda a referida funcionária 20 dias no Rio de Janeiro, comissionada por essa Secretaria, para estudar no Museu Nacional a coleção ictiológica ali deixada pelo falecido Prof. Alípio de Miranda Ribeiro, que tanta reputação grangeara na especialidade. Como provento material desta viagem de estudos, ganhara o Departamento uma série de exemplares da ictiofauna do Rio de Janeiro, adquiridas diretamente dos pescadores.

Também estivera constantemente ativa a Divisão de Insectos, de tôdas as mais abundantemente provida de pessoal técnico. Da sùmula apresentada pelo assistente que está à sua testa, verifica-se que os trabalhos ali versaram princi-

palmente sôbre as ordens dos Coleópteros, dos Lepidópteros e Malófagos. Destas, a primeira constitue a especialidade do Sr. Frederico Lane, a quem se devem várias contribuições técnicas durante o ano findo. Dentre estas, merece menção particular, o notável trabalho que em colaboração com o Prof. Samuel B. Pessôa, catedrático de Parasitologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, elaborara sôbre os "Coleópteros necrófagos", distinguido pela Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo com o prêmio "Oscar Freire". Tem ainda o Dr. Lane em preparação e prestes a serem concluídos dois estudos de revisão, relativos à subfamília *Aerenicinae* e ao gênero *Coleoxestia*, para não referir trabalhos menores, que deverão vir a lume nos "Arquivos do Departamento de Zoologia".

Deve destacar-se entre as iniciativas promovidas pela Divisão em foco, um intenso serviço de intercâmbio com 57 missões religiosas, na sua maioria salesianas, distribuídas por 11 Estados do Brasil, além de uma na Colômbia e outra na Venezuela. A estes correspondentes remeteram-se os elementos necessários para a coleta de insetos, ali inclusas as instruções para a captura e embalagem correta dos espécimes. Dêste plano já começaram a surtir alguns resultados, animadores de maiores conquistas para o futuro.

Os Lepidópteros, tinham, até ultimamente, no Dr. Lauro Travassos Filho a única pessoa a estudá-los no Departamento. Agora, com a nomeação, para o cargo de assistente auxiliar, do Snr. Romualdo Ferreira de Almeida, uma das mais aca-tadas autoridades no ramo, ficou sendo aquela ordem de insetos uma das mais bem aquinhoadas no tocante a pessoal especializado.

Faz o Dr. Lauro Travassos Filho objeto de particular carinho a curiosa família dos Eucromíidas, que conta em nossa coleção com "791 exemplares precisamente determinados e definitivamente arrumados", além de cêrca de 2.000 outros, provenientes das excursões realizadas durante o ano, e que aguardam ainda a devida classificação. Compreendendo a necessidade de repartir inteligentemente as atribuições dos diferentes técnicos, é intenção do Dr. Travassos Filho volver as suas atenções para os *Blattariae*, outra ordem de insetos em que tem procurado aprofundar-se. Consta-me que já tem conseguido reunir neste grupo notável coleção e valiosa bibliografia. Durante o ano de 1940 publicou o Dr. Travassos vários trabalhos de sua lavra, na sua maioria sôbre os Eucromíidas, possuindo ainda outros no prelo ou em preparação.

O Snr. Lindolpho Rocha Guimarães, sub-assistente da Divisão, continuará os seus estudos sôbre a fauna brasileira de Malófagos, avolumando consideravelmente as nossas coleções nessa interessante ordem de Insetos e contribuindo com vários artigos a ela atinentes. Tomando a seus cuidados, além dos Malófagos, outros artrópodos de semelhante habitat, reviu e ordenou o Snr. Lindolpho todo o nosso material, que orça por 800 espécimes, repartidos entre *Mallófaga*, *Pupipara*, *Siphonaptera* e *Ixodidae*.

O estudo dos Dípteros, uma das ordens cujo conhecimento é do maior interêsse prático, assim na agricultura como na medicina humana e veterinária, não conta nenhum cultor no quadro de técnicos do Departamento de Zoologia. Esta falta é todavia suprida pela dedicação e assiduidade do Snr. Messias Carreira, apaixonado do ramo, em que já tem produzido alguns trabalhos elogiados pelos especialistas. As ligações contraídas pelo Snr. Carreira com os grandes conhecedores do grupo de sua predileção, além de recomendar-lhe a competência e o critério como homem de estudos, tem beneficiado o Departamento de Zoologia sob mais de uma

forma, bastando referir que, segundo estou informado, graças às suas relações com o Dr. Charles P. Alexander, da Massachusetts State College, breve teremos a maior coleção de *Tipulidae* existente no Brasil. Seria, pois, de segura vantagem para o instituto chamá-lo para o número de seus técnicos, consoante proposta que já tive a honra de fazer a essa Secretaria.

EXCURSÕES E EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS

Votado à investigação sistemática da fauna, em dois setores distintos se desdobram as atividades do Departamento de Zoologia: trabalhos de campo e estudos de gabinete. Ambos são igualmente indispensáveis, completando-se mutuamente, senão até que, sob certos pontos de vista, se poderá generalizar o que, com respeito ao estudo das aves, sentenciara notável sabedor: "Since it is our belief that more is to be gained from a study of the being bird than from a series of museum specimens".

Consoante esta orientação, fizeram-se durante o ano passado várias excursões científicas com o fito de colecionar espécimes zoológicos e estudar *in loco* tudo quanto diz respeito ao ambiente geográfico e às relações das espécies, quer com o meio físico, quer entre si próprias. Destas excursões, a mais custosa e fértil em resultados foi incontestavelmente a que durante os meses de Agosto e Setembro últimos empreendi no vale mineiro do Rio Doce, com o concurso do Snr. A. M. Olalla, hábil colecionador-taxidermista, de cujos serviços já se beneficiara a zoologia quando Secção do Museu Paulista e de quem o Departamento, no ano passado, adquirira vultosa coleção de material amazônico. Inspirando-se nos mesmos incentivos que motivaram já tantas outras viagens zoológicas pelos Estados brasileiros, a idéia dessa expedição nascera principalmente do desejo de investigar uma vasta zona tradicionalmente conhecida pela opulência de suas matas, antes que se verifique a destruição completa destas últimas. Foram feitas três estações, procurando em cada uma explorar os mais diversos ambientes e colher o maior número possível de dados úteis ao conhecimento zoogeográfico da região.

Partindo de São Paulo a 11 de Agosto, fizemos uma curta parada em Belo Horizonte, onde algumas facilidades nos foram oferecidas por elementos oficiais, entre os quais aprez-me destacar o nome do Snr. Dr. José Soares de Mello Gouveta, funcionário graduado da Secretaria da Agricultura de Minas. Na manhã de 14, seguimos para a Fazenda Pedra Mole, onde, com o nome de Parque Florestal do Rio Doce, resolveu o govêrno estadual salvaguardar extensa reserva de matas virgens, sob a administração do Snr. Dr. Rodolpho Willy Ehlert, pessoa de quem recebera também a comitiva múltiplas provas de atenção. Graças ainda às boas disposições da Secretaria de Agricultura de Minas, tivemos permissão para ocuparmos pequena casa de três cômodos, ao lado da sede, trabalhando dos dias 17 de Agosto a 9 de Setembro em boas condições de comodidade e rendimento. O lugar situa-se à margem direita do Rio Piracicaba, muito próximo à sua confluência no Rio Doce. Medida pelo aneróide a altitude do ponto mede 258 metros. Pelas manhãs fazia intenso frio, não tanto pelo grau termométrico, que oscilava entre 18 a 19 centígrados, como pela excessiva umidade, proveniente da evaporação do rio, e em consequência da qual, às primeiras horas do dia, amortalhava invariavelmente o vale espesso nevoeiro, que muitas vezes só se dissipava com sol

alto. As coletas faziam-se aí ora nas grandes matas circunjacentes à clareira da sede, ora mais além, nas proximidades de grande e formosa lagoa, ou, às mais das vezes, na margem esquerda ou setentrional do Rio Doce, que atravessávamos em canoa, no ponto apelidado Porto do Bugre. Muito caçadas, as matas desse local mostram-se já assaz empobrecidas, escasseando elementos faunísticos outrora de certo abundantes e faltando de todo as que têm sido alvo de perseguição mais fácil e constante. Os símios eram sobremodo raros, o mesmo acontecendo com as aves de maior valor alimentar, como jacús, jacutingas e mutuns. Estes últimos, porque pertençam a uma espécie (*Crax blumenbachii* Spix) privativa da mata-este-brasileira e representada nas coleções do Departamento de Zoologia por muito raras pelas oriundas da zona do Mucuri, foram diligentemente procurados, embora sem nenhum resultado.

Passámo-nos em seguida para a Fazenda da Barra, assim denominada pela sua situação na embocadura mesma do Rio Suassuí, afluente da margem esquerda do Rio Doce, em que desagúa pouco abaixo da estação ferroviária de Presidente Valadares, nome sob o qual hoje oficialmente se designa a velha localidade tradicionalmente conhecida pelo nome de Figueira. Pertence essa fazenda à Companhia Belgo-Mineira, cujo engenheiro Superintendente, o Dr. Joaquim Gomes da Silveira, em mais de uma ocasião prestara à expedição valiosa ajuda, promovendo o transporte gratuito do pessoal e volumosa bagagem, em caminhões da empresa. Merece referência o interesse demonstrado por este distinto cavalheiro pelo êxito da expedição, cujo alcance e importância soubera devidamente apreciar. Dez dias de permanência em Barra do Suassuí (de 13 a 24 de Setembro), provaram a inconveniência de estadia mais longa no lugar, onde bastante penosa ia sendo a vida dos excursionistas. A sêca que no ano findo flagelara todo o sul do Brasil, ali estendera também os seus efeitos, acarretando o desnudamento das árvores mesmas da grande mata, onde dominam as copas alterosas das sapucaias e dos gigantescos jequitibás. Desta etapa, de par com boa representação da avifauna daquela zona do Estado, trouxera-se esplêndida série de uma espécie de macacos do gênero *Cebus*, localmente conhecido pelo nome de mico topetudo. Procedendo ao estudo deste interessante animal, cheguei à convicção de que deve êle ser referido à espécie que o príncipe Maximiliano descobrira e descrevera com o nome de *Cebus robustus*. Isso vem a talho de aclarar importante ponto de zoologia sistemática, restituindo autonomia a uma forma que a falta de material adequado conduziu os especialistas do grupo a incluir quasi unanimemente na sinonímia de *Cebus xanthosternos* Wied (= *C. variegatus* Geoffr.), espécie acentuadamente diferente.

Barra do Suassuí foi o ponto mais remoto em que nos detivemos. De volta à estação de Presidente Vargas (nome atualmente da velha São José da Lagoa), houve meios de explorar novo ambiente faunístico, afastando-nos do vale do Piracicaba e localizando-nos na fazenda Boa Esperança, situada na vertente meridional da Serra da Cacunda, onde o Córrego do Pissarrão tem as suas elevadas cabeceiras. Ali fomos alvos da hospitalidade generosa do Snr. Argental Caldas, a quem e a cuja distinta família é dever expressar os nossos mais justos agradecimentos. Valiosa, principalmente pela sua extraordinária riqueza mineralógica, nada inferior à vizinha zona de Itabira, a região compreende vales úmidos e seranias elevadas, abertos os primeiros em extensas várzeas e descampados, forradas as últimas, principalmente nos cabeços elevados, de empessa coberta de mata.



Vista do Parque Florestal (estação Cel. Fabriciano) . Ao fundo a mata e ao centro a casa que serviu de sede aos expedicionários



Excursão ao Rio Doce (Minas) — Vista do hospital da Cia. Belgo-Mineira de Siderurgia em Cel. Fabriciano.



Expedição zoológica ao Rio Doce (Minas) — Últimos cuidados prestados ao material coligido em Parque Florestal, pouco antes da partida desta estação



O carvão vegetal é de exploração intensiva em todo o vale mineiro do Rio Doce — Barracão de armazenamento e embarque em Cel. Fabriciano

Como é de prever a fauna dêste local apresenta-se notavelmente diversa da dos rios Piracicaba e Doce, fazendo até certo ponto transição com a dos campos e matas do centro e oeste do Estado.

O grosso do material trazido pela expedição ao Rio Doce é formado pelas Aves, cujo número ascendeu a nada menos de 1.458 exemplares. Em segundo lugar contam-se os Mamíferos, com 80 exemplares, aí inclusas diversas espécies de morcegos, algumas de notável raridade. De peixes colheram-se também numerosas amostras, pertencentes principalmente às famílias *Characidae* e *Loricariidae*.

Até a partida de Suassuí nenhuma mudança se observara nas condições atmosféricas. Na tarde de 25 de Setembro porém, estando a comitiva em Presidente Vargas, desabou violento aguaceiro, que se prolongou durante alguns dias em chuva continuada. Não admira, portanto, que a coleta de insetos tivesse sido quasi de todo infrutuosa, a-pesar dos esforços empregados.

Da coleção do Rio Doce, cujo estudo as preocupações administrativas e trabalhos se ultimamente me permitirem encetar, tenho em mira preparar circunstanciado relatório técnico, a publicar-se nos Arquivos de Zoologia.

Outra expedição de grande proveito para o Departamento foi a que sob a inspiração do Dr. Frederico Lane, realizei em Maio na Fazenda Poço Grande, (perto de Jiquiá), de cujos fundadores é decendente direto. O êxito brilhante conseguido pela empresa, ultrapassara de muito os prognósticos otimistas em que se animara. Cêrca de 800 aves foram colecionadas durante menos de uma quinzena de permanência no local, resultado verdadeiramente surpreendente, devido não só à riqueza aviária da zona, como também ao valioso concurso do Snr. A. M. Olalla, cujos trabalhos foram utilizados, especialmente no campo da taxidermia. Algumas raridades obtiveram-se nesta expedição, provando o interêsse que existe ainda em explorar com persistência e método o opulento repositório de matas primitivas que ainda existe, e sabe Deus até quando, na cordilheira marítima de nosso Estado.

Outras excursões foram realizadas a interesse particular da Divisão de Insecta, durante as épocas do ano mais propícias para êste fim. A primeira em data foi realizada na Serra do Mar, entre Santos e esta Capital pelo assistente Dr. Frederico Lane, que de 5 a 7 de Fevereiro conseguiu cêrca de 150 lepidópteros, dentre os quais, 125 pertencentes à família *Euchromidae*, objeto particular das atenções do Dr. Lauro Travassos Filho, assistente-auxiliar.

Mais longa e rendosa foi a expedição realizada de 16 de Fevereiro a 13 de Março pelos Drs. Lane e Travassos ao oeste do Estado de Mato-Grosso, em cooperação com o Instituto Osvaldo Cruz do Rio de Janeiro. Os trabalhos tiveram a princípio sua sede em Ilha Sêca, estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, onde viçava, anos atrás, pujante massiço de matas, mas hoje quasi inteiramente destruídas pelo fogo. Não obstante, encontram-se ainda ali representantes típicos da nossa selva bruta, como o prova o magnífico exemplar de anta (*Tapirus terrestris*) que a comitiva conseguira abater, no curto lapso de sua permanência. Por infelicidade, reinando intensíssimo calor e chegando a pele salgada nesta Capital na tarde de um sábado, só na segunda-feira foi possível retirar o volume da estação ferroviária, em estado tão avançado de putrefação, que é de duvidar-se pudesse ser aproveitada, ainda na ausência dêste contratempo. Com isso ficou privado o Departamento de utilizar para o seu mostruário bellissima peça, que viria a talho de substituir velho exemplar imprestável da nossa exposição pública. A parte final e mais importante desta excursão fizera-se em Salobra, estação ferroviária

situada 15 quilômetros adiante de Miranda, no sul de Mato-Grosso. Colheram-se ao todo 933 insetos, aprofundando-se ao mesmo tempo o conhecimento do meio físico local, aliás um dos atualmente mais bem conhecidos do país.

Também estivera em Salobra, por meados de Setembro, o Sr. Carlos A. de Camargo Andrade, ainda a convite do Prof. Lauro Travassos. Desta, como da primeira expedição, foram trazidos exemplares empalhados de aves, na sua quasi totalidade porém, sem maior importância para o melhor conhecimento zoogeográfico da zona.

A localidade de Juquiá, especialmente favorecida por muitas circunstâncias, fôra visitada ainda pelo Dr. Frederico Lane entre 5 e 10 de Abril e de 26 de Setembro a 6 de Outubro, com a participação do Prof. Lauro Travassos. Rico provento adveio para o Departamento desta excursão, que além de 300 peixes de famílias diversas, permitira a captura de 4.000 borboletas (das quais 1.500 *Euchromiidae*), e cerca de 400 insetos outros.

Entre 31 de Outubro a 6 de Novembro estiveram os mesmos expedicionistas, acompanhados de mais alguns elementos do Instituto de Manguinhos, na Fonte do Tapir, na estrada de rodagem de S. Paulo a Juquiá, conseguindo uma coleta de 1.500 insetos.

A Serra da Cantareira, onde se abriga, muito perto de nós, preciosa reserva de flora e fauna, foi também objeto das atenções do Departamento de Zoologia. Graças ao espírito de cooperação do Dr. José Camargo Cabral, diretor do Serviço Florestal do Estado, foi ao Departamento concedida ampla autorização para explorar zoológicamente os terrenos sujeitos à sua jurisdição. Lá estiveram entre 5 e 11 de Dezembro os Srs. Lindolpho Guimarães e José Lima, o primeiro como entomologista e chefe da expedição e o segundo como colecionador-taxidermista. Entre peças obtidas merece destaque uma pequena série de magníficos exemplares de bugios (*Alouatta fusca*), cuja presença é bastante expressiva do que ainda significam as matas da Cantareira como reserva do nosso devastado tesouro faunístico.

Nem tôdas as expedições logram todavia o êxito compensador ou brilhante das que vimos de aludir. Assim, não fôra bem sucedida a que em fins de Dezembro último empreendera na Serra do Mar o Sr. Carlos da Cunha Vieira, assistente-auxiliar. Por êste insucesso fôra certamente responsável as peculiaridades da zona, que na estação das águas está sujeita a precipitações ininterruptas e neveiro quasi constante.

EXPOSIÇÃO PÚBLICA

Em confronto com o realizado nos outros sectores, pouco foi feito durante o ano passado em benefício da Exposição Pública. Isso em virtude da falta em nosso quadro de funcionários de profissionais capazes de executar o anunciado projeto de modernizar os antigos mostruários, substituindo a exibição profusa de peças isoladas por grupos ecológicos, representativos tanto quanto possível dos diferentes ambientes e meios. Para êsse mister utilizaram-se os serviços do Sr. Ferdinando Giuliani, técnico estranho à repartição, mas já utilizado na cortidura de couros de mamíferos. Graças a isso foi possível inaugurar uma grande montra, representando uma vista panorâmica de paisagem campestre, animada por algumas

espécies, entre as mais típicas desse ambiente faunístico. No primeiro plano um grande tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), no ato de abrir com as unhas possantes volumoso ninho de cupins (*Termitidae*), um tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) sobe pelo tronco da árvore próxima, em cujos galhos se observa um chã-chã (*Colaptes campestris*) e, à pequena distância, uma pombinha das almas (*Xolmis cinerea*). No solo, contribue para o interesse da cena um ninho de joão bobo (*Nystalus chacuru*), de onde se vê partir a ave de asas abertas, em direção à companheira, empoleirada perto. Uma "coruja buraqueira" (*Speotyto cunicularia grallaria*) pousa sobre um ninho de cupins, em cuja base, aproveitando toca de tatú, instalara o ninho. Mais para um canto, concorrendo para a representação mais rica da cena campestre, com risco embora de sacrificar a fidelidade do quadro, solitária seriema mede o chão com suas passadas lentas e o olhar vago que a caracteriza, à procura de répteis ou de insetos, base de seu sustento. Serve de fundo ao grupo bem confeccionado tela a óleo, trabalho do Sr. José Canela Filho, funcionário comissionado no cargo de desenhista do Departamento. Continuando a cena representada nos primeiros planos, vemos desdobrar-se extensa vista de campo, dividida por vale pouco profundo e ladeado de terras em declive suave. Por entre arbustos peculiares à formação campestre, destacam-se ainda vários vultos, reproduzindo ao longe os mesmos exemplares montados no primeiro plano.

O mostruário, cuja descrição acabo de fazer, dá idéia aproximada do que imagina realizar em benefício da exposição pública de Mamíferos e Aves. Entretanto, como perfeição e acabamento, é forçoso confessar que está êle ainda muito longe daquilo que idealizo e pretendo converter em realidade, assim não falem de todo os elementos necessários. Em primeiro lugar estou convencido de que só com abundância de recursos é possível levar avante a idéia, tão aplaudida aliás de quantos se tornara conhecida. Também é inútil esperar conseguir-se o objetivo em mira utilizando elementos estranhos, de espírito estreitamente mercenário, destituídos de entusiasmo artístico, e escassamente dotados do preparo intelectual necessário à nítida compreensão do que se deseja. Fôra mister buscá-los onde se encontrassem, e pô-los ao serviço exclusivo da repartição, por meio de contrato ou comissionamento. Ao cabo de algum tempo, os taxidermistas com que atualmente ela conta, ainda que não chegassem a ser perfeitamente aptos para o mister, tornar-se-iam pelo menos colaboradores prestantes na tarefa. O mostruário único instalado no ano passado, custou ao Governo cerca de 12 contos de réis, incluída a grande vitrine. Importância ao meu ver excessiva, que me fez adiar a execução do programa, à espera de providências capazes de levá-lo avante, com menor dispêndio e mais satisfatória perfeição.

Na sala pública dos Peixes houve o acréscimo de peça sobremodo valiosa: um grande esqueleto cartilágneo de *Manta ehrenbergi*, trabalho da assistente-auxiliar a que já tive ocasião de minudear noutra parte deste relatório.

Presenteado pelo Dr. Adhemar de Barros, digno Interventor no Estado, entrou também para a exposição pública do Departamento de Zoologia um magnífico exemplar, completamente adulto, do grande gavião *Urubitinga urubitinga*, por S. Excia. caçado nas matas do Rio Paraná. O interesse da peça avulta em face da raridade com que se conseguem obter indivíduos completamente adultos daquela espécie, cuja plumagem só se torna completamente negra nos últimos anos de existência.

B I B L I O T E C A

Conta-se também a Biblioteca entre as Divisões que mais vigoroso impulso receberam depois que a Zoologia se emancipara como repartição autônoma.

Constituída inicialmente pelas obras e publicações zoológicas transferidas do Museu Paulista para o Departamento de Zoologia, verificou-se para logo quão lacunosas eram grande número de suas séries. Para encher êstes claros e completar estas séries, vem trabalhando o Snr. Joaquim de Sá Leitão, com empenho que denota firme resolução, incansável perseverança e grande habilidade no tratar com as instituições congêneres, quer do País, quer do Estrangeiro.

O maior volume de revistas periódicas que nos chegam, provém dos Estados Unidos da América. Também é com os Estados Unidos que se vêm alcançando os resultados mais satisfatórios nesta tentativa de completar séries desfalcadas ou interrompidas, às vezes desde longos anos. Claro é que, a-pesar-de todo esforço e real desejo de recíproca ajuda, não é possível esperar-se êxito completo nesta campanha tardia, visto que muitos volumes se terão de todo esgotado, restando apenas magra probabilidade de adquirí-los aos alfarrabistas, a modo de que se vem procurando fazer. Casos têm havido cujo feliz remate devemos apenas ao cavalheirismo e espírito de cooperação dos colegas que trabalham na grande república do norte. A eles se referindo, destaca o Snr. Leitão alguns nomes, que me permito aqui registrar, como credores de especial agradecimento: Mr. Clifford C. Gregg (do Field Museum of Natural History), Miss Hazel Gay (American Museum of Natural History), Mr. Theodor Just (American Midland Naturalist), Mr. A. Richards (American Philosophical Society), Mr. Jos. S. Wade (Biological Society of Washington), Miss Mary B. Cobb (Boston Society of Natural History), Miss Ruth A. Sparrow (Buffalo Museum of Science), Miss Susie M. Peers (California Academy of Sciences), Mrs. L. H. Stockton (Cleveland Museum of Natural History), Mr. Charles H. Brown e Miss Grace Oberhim (Iowa State College), Mr. G. M. W. Teyen (Milwaukee Public Museum), Mr. William E. Schevill (Museum of Corporative Zoology), Mr. M. Claud W. Leister (New York Zoological Society), Mr. C. Abbot Smithsonian Institution), Mr. J. E. Graf (United States National Museum), Miss Ivander Mac Iver (University of California), Miss Aurevia Graham (University of Missouri), Señor Prof. Isaac Ochoterena (Instituto de Biologia do México), Señor Adolfo Gama Mandiola (Universidade do Chile), Mr. J. F. Gray (Royal Dublin Society), Snr. Christovão Leite de Castro (Conselho Nacional de Geografia).

A esta lista permito-me acrescentar o nome do Snr. Walter Ed. Clyde Todd, o eminente ornitologista do Carnegie Museum de Pittsburgh, à cuja extrema cortezia devo termos facilmente reatado o contacto com a Biological Society of Washington, cujas publicações, em série agora ininterrupta, ocupam saliente lugar em nossa livraria.

Segundo a lista elaborada pelo operoso encarregado da Biblioteca, manteve o Departamento de Zoologia, durante o ano de 1940, intercâmbio de publicações com 236 instituições científicas, trocando, com elas e com personagens destacados, nada menos de 393 cartas.

Cêrca de 3.500 exemplares, adquiridos por compra, ou, na maioria das vezes, obtidos em permuta, foram recebidos e catalogados durante o exercício de 1940, conforme se vê pelos assentamentos no livro de registros da Biblioteca. Em 1939

seu número foi de 500, havendo portanto em 1940 um diferença a mais, equivalente a seis vezes esta cifra.

Por esta exposição, vê-se quão eficaz e proveitosa vem sendo a permanência do Snr. J. de Leitão no Serviço da Divisão em aprêço. Tudo aconselha, pois, por parte do Governo, um ato que venha pô-lo regularmente no cargo cujas funções vem desempenhando, com tanto zêlo e eficiência.

Dou, a seguir, a lista das instituições que permutaram publicações com o Departamento de Zoologia no ano de 1940.

ALLEMANHA

Bayerische Akademie der Wissenschaften — München.
 Deutsche Akademie der Naturforscher — Halle.
 Deutsche Ornithologische Gesellschaft — Berlin.
 Hamburgisches Zoologisches Museum und Institut — Hamburg.
 Museum für Naturkunde — Westfalen.
 Museum für Naturkunde und Vorgeschichte — Magdeburg.
 Nassauischer Verein für Naturkunde — Wiesbaden.
 Naturwissenschaftlicher Verein zu Bremen — Bremen.
 Naturhistorischer Verein der Rheinlande und Westfalen — Bonn.
 Naturwissenschaftlicher Verein für Sachsen und Thüringen — Halle.
 Naturforschende Gesellschaft — Leipzig.
 Stettiner Entomologische Zeitung — Stettin.
 Senckenbergische Naturforschende Gesellschaft — Frankfurt.
 Oberhessische Gesellschaft für Natur- und Heilkunde — Giessen.

ARGENTINA

Academia Nacional de Ciencias — Cordoba.
 Commission Central de Investigaciones sobre la Langosta — B. Ayres.
 Division de Zoologia Agricola — B. Ayres.
 Instituto del Museo de La Plata — La Plata.
 Jardin Zoologico — La Plata.
 Museo de La Plata — La Plata.
 Museo de Entre Rios — Panamá.
 Museo Argentino "Bernardino Rivadavia" — B. Aires.
 Sociedad Argentina "Physis" — Buenos Ayres.
 Sociedade Científica Argentina — Buenos Ayres.
 Sociedade Ornitológica del Plata — Buenos Ayres.
 Universidad Nacional de Tucuman — Tucuman.

AUSTRÁLIA

Australian Museum — Sydney.
 Council for Scientific and Industrial Research — Cronulla.
 Linnean Society of New South Wales — Sydney.
 National Museum — Melbourne.

Queensland Museum — Brisbane.
Royal Societé of New South Wales — Sydney.
Royal Society of Tasmania — Hobart.
Roal Society of Victoria — Victoria.
South Australian Public Museum — Adelaide.

AUSTRIA

Akademie der Wissenschaften in Wien — Wien.

BÉLGICA

Academie Royale de Belgique — Bruxellas.
Academie Royale des Sciences — Bruxellas.
Musée Royale d'Histoire Naturelle — Bruxellas.
Societé Royale des Sciences de Liège — Liège.

BERMUDA

Bermuda Biological Station for Research — St. Georg's West.

BRASIL

Academia Brasileira de Ciências — Rio de Janeiro.
Biblioteca Nacional.
Clube Zoológico do Brasil — São Paulo.
Conselho Nacional de Geografia — Rio de Janeiro.
Departamento de Indústria Animal — São Paulo.
Divisao de Caça e Pesca — Rio de Janeiro.
Escola Nacional de Agronomia — Rio de Janeiro.
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras — São Paulo.
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — São Paulo.
Instituto Agronômico do Estado — Campinas.
Instituto Butantã — São Paulo.
Instituto Biológico — São Paulo.
Instituto Ezequiel Dias — Belo Horizonte.
Instituto Kurihara de Ciência Natural Brasileira — São Paulo.
Instituto Oswaldo Cruz — Rio de Janeiro.
Laboratório Paulista de Biologia — São Paulo.
Museu Nacional — Rio de Janeiro.
Revista de Entomologia — Rio de Janeiro.
Sociedade de Biologia e Higiene — São Paulo.

CANADÁ

Entomological Society of Ontario — Goelph.
Royal Canadian Institute — Toronto.
University of Toronto — Toronto.

CHILE

Revista Chilena de Historia Natural — Santiago.
Sociedad de Biología de Concepcion — Concepcion.
Universidad de Chile — Santiago.

CHINA

Lingnan Science Journal — Canton.

COSTA RICA

Museo Nacional de Costa Rica — San José.

CUBA

Academia de Ciencias Medicas, Fisicas y Naturales — Cuba.
Sociedad Cubana de Historia Natural "Felipe Poey" — Cuba.

DOMINICANA

Universidad de Santo Domingo — Ciudad Trujillo.

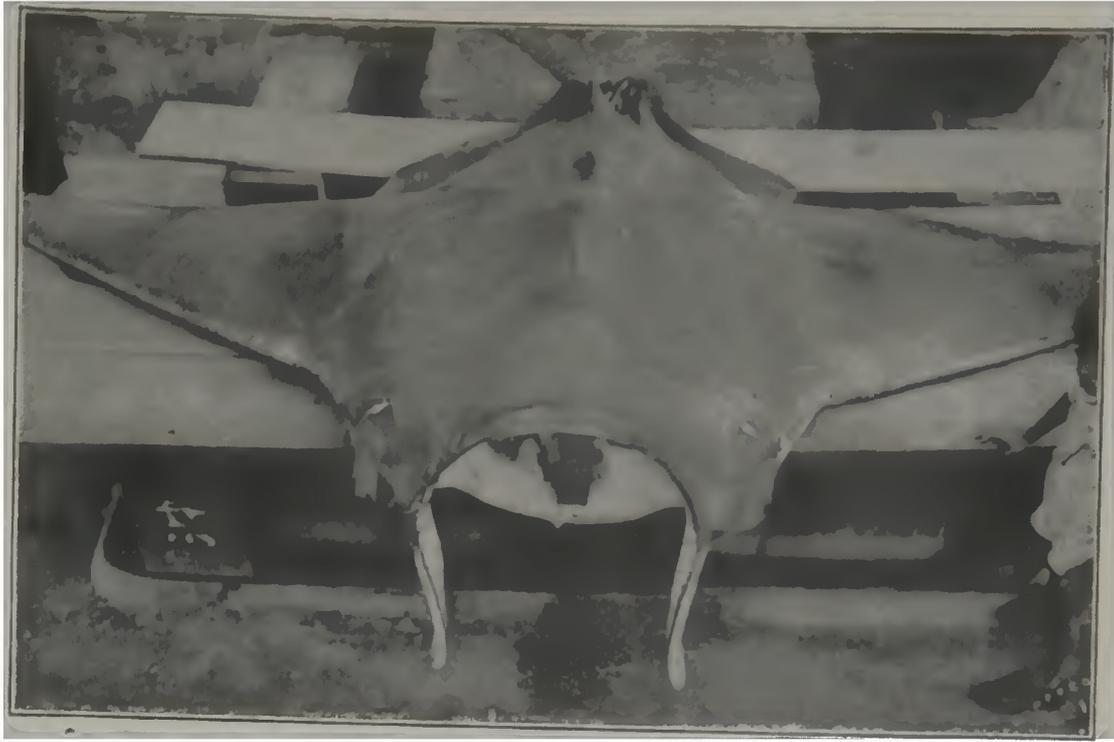
**ESTADOS UNIDOS DA
AMÉRICA DO NORTE**

Academy of Natural Sciences of Philadelphia — Philadelphia.
American Association and Museums — Washington, D. C.
American Midland Naturalist — Notre Dame.
American Museum of Natural History — New York.
American Ornithologist Union — Philadelphia.
American Philosophical Society — Philadelphia.
Antivenin Institute of America — Philadelphia.
Aquatic Life — Baltimore.
Army Medical Library — Washington.
Allan Hancock Foundation Publications — Los Angeles.
Bingham Oceanographic Foundation — New Haven.
Biological Society of Washington — Washington, D. C.
Boston Society of Natural History — Boston.
Buffalo Museum of Science — Buffalo.
California Academy of Sciences — San Francisco.
Carnegie Museum — Pittsburgh.
Chicago Academy of Sciences — Chicago.
Cleveland Museum of Natural History — Cleveland.
Collecting Net — Woods Hole.
Colorado Museum of Natural History — Denver.
Connecticut Academy of Arts and Sciences — New Haven.
Duke University — Durham.
Entomological Society of Washington — Washington, D. C.
Field Museum of Natural History — Chicago.

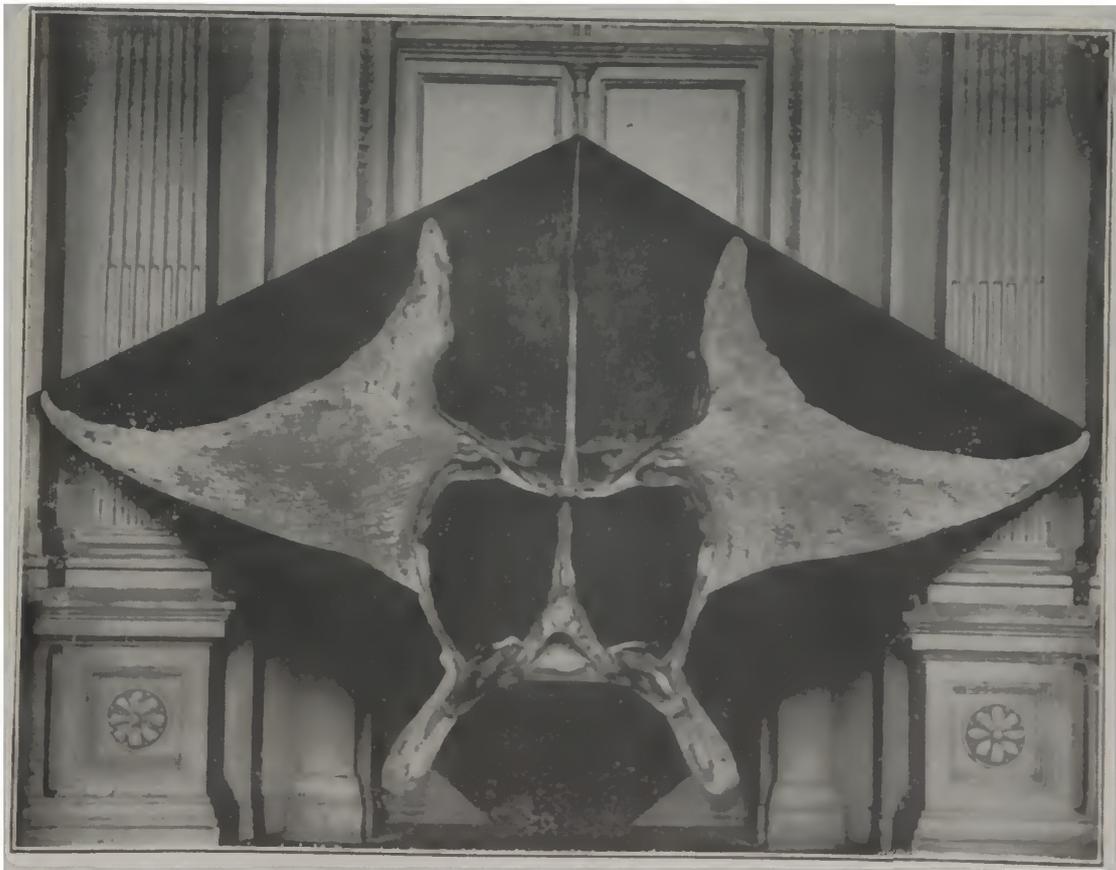
Illinois State Natural History Survey — Urbana.
 Iowa State College — Ames.
 Library of Congress — Washington, D. C.
 Marine Biological Laboratory — Woods Hole.
 Michigan Academy of Sciences Arts and Letters — Ann Arbor.
 Milwaukee Public Museum — Milwaukee.
 Museum of Comparative Zoology — Cambridge.
 Museum of New Mexico — Santa Fé.
 New York Academy of Sciences — New York.
 New York State Museum — New York.
 New York Zoological Society — New York.
 Ohio Academy of Sciences — Columbus.
 Pomona College — Claremont.
 Princeton University — Princeton.
 San Diego Society of Natural History — San Diego.
 Smithsonian Institution — Washington, D. C.
 Stanford University — California.
 United States Department of Agriculture — Washington, D. C.
 United States National Museum — Washington, D. C.
 University of Arizona — Tucson.
 " " Arkansas — Fayetteville.
 " " California — Berkeley.
 " " Colorado — Boulder.
 " " Illinois — Urbana.
 " " Maine — Orono.
 " " Michigan — Ann Arbor.
 " " Missouri — Columbia.
 " " Nebraska — Lincoln.
 " " Nevada — Reno.
 " " New Hampshire — Durham.
 " " Pennsylvania — Philadelphia.
 " " South California — Los Angeles.
 " " Utah — Salt Lake City.
 " " Vermont — Burlington.
 " " Washington — Seattle.
 " " Wyoming — Laramie.
 " " Kansas — Laramie.
 Indiana Academy of Science — Indianapolis.
 Rockefeller Foundation — New York.
 Vanderbilt University — Nashville.

FRANÇA

Societé Entomologique de France — Paris.
 Academie des Science — Paris.
 Museum National de Histoire Naturelle — Paris.
 Societes Savantes de Paris — Paris.
 Societé Zoologique de France — Paris.
 Université de Grenoble — Grenoble.



Fotografia do exemplar de *Manta chrenbergi*, cujo esqueleto orna atualmente a sala dos Peixes



Esqueleto de *Manta chrenbergi*, inaugurado em 1940, na sala dos Peixes



Vista parcial do mostruário inaugurado durante o ano de 1940. — Cena da vida animal da região campestre do Brasil Central.

PHILIPPINE ISLANDS

Philippine Journal of Science — Manila.

HAWAII

Bernice Pauahi Bishop Museum — Honolulu.

HOLANDA

Nederlandsche Dierkundge Vereening — Leiden.
Nederlandsche Entomologische Vereening — Amsterdam.
Rijksmuseum van Museum Natuurlijke Historie — Leiden.

GRÉCIA

Instituti et Musei Zoologici Universitatis Atheniensis — Athenas.

INGLATERRA

Royal Society for the Protection of Birds — London.
Royal Society of Edinburgh — Edinburgh.
University of Durham Philosophical Society — Newcastle.
Zoological Museum — Tring.

IRLANDA

National Museum of Science and Art — Dublin.
Royal Society of Dublin — Dublin.

ITÁLIA

Museo Civico de Historia Natural "Giacomo Doria" — Genova.
Museo Civico de Storia Naturale in Milano — Milano.
Pontificia Academia Scientiarum — Roma.
Reale Academia d'Italia — Roma.
Reale Academia Nazzionale dei Lincei — Roma.
Revista de Biologia Coloniale — Roma.

JAPAO

Hiroshima University — Hiroshima.
Imperial University of Tokyo — Tokyo.
Imperial Academy House — Tokyo.
National History Society of Formosa — Formosa.
Zoological Instituto Tokyo Bunkya Daigaku — Koishikawa.
Zoological Society of Japan — Tokyo.

LETÓNIA

Latvijas Universitates Sistematisks Zoologijas — Riga.
Naturforscheden Verein zu Riga — Riga.

MÉXICO

Ciencia — Mexico.
Escuela Nacional de Ciencias Biológicas — Mexico.
Instituto de Biología, — Chapultepec.
Instituto de Salubridad y Enfermedades Tropicales — Mexico.
Sociedad Científica "Antonio Alzate" — Mexico.
Société International de Plasmogenie — Mexico.

MÓNACO

Institut Oceanographique de Monaco — Monaco.

NOVA ZELÂNDIA

Auckland Institute and Museum — Auckland.
Journal of Polynesian Society — Wellington.
New Zealand Institute — Wellington.
Royal Society of New Zealand — Washington.

PARAGUAI

Sociedad Científica del Paraguay — Asuncion.

PERÚ

Museo de Historia Natural "Javier Prado" — Lima.

PORTUGAL

Academia de Ciências de Lisboa — Lisboa — Lisboa.
Faculdade de Ciências do Pôrto — Pôrto.
Instituto de Antropologia — Lisboa.
Museu Zoológico da Universidade de Coimbra — Coimbra.
Revista Broteria — Lisboa.

RÚSSIA

Academie des Sciences de L'URSS — Leningrad.
Université de L'Asia Central — Taschkent.

SOUTH AFRICA

Durban Museum and Art Gallery — Durban.
Natal Museum — Pietermaritzburg.
South African Museum — Cape Town.
Transvaal Museum — Transvaal.

SUÉCIA

Kungl. Svenska Vetenskapsakademien — Stockholm.
Göteborgs Kungl. Vetenskaps och Vitterhets-Sambäles — Goteborg.

SUIÇA

Naturforschende Gesellschaft in Zürich — Zürich.
Société de Physique et d'Histoire Naturelle de Geneve — Geneve.
Société Entomologique Suisse — Bern.

URUGUAI

Facultad de Medicina de Montevideo — Montevideo.
Museo de Historia Natural de Montevideo — Montevideo.
Soc. Amigos de los Cie. Nat. "Kraglievich-Fontana" — Montevideo.

VENEZUELA

Acad. de Ciencias Fisicas Matematicas y Naturales — Caracas.
Universidad Central de Venezuela — Caracas.

PUBLICAÇÕES

Os primeiros exemplares do tomo I dos "Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo", correspondente ao exercício de 1939, foram distribuídos em 9 de julho do ano passado, na ocasião mesma em que era solenemente lançada a pedra fundamental da futura sede do Departamento de Zoologia. A julgar pelo que tem chegado ao nosso conhecimento, a nova publicação vem logrando merecer os mesmos favores dispensados outrora à "Revista do Museu Paulista", de que ela se propoz ser a continuadora. O tomo II, relativo ao ano de 1940 é equivalente àquele em volume e conteúdo, deve ser distribuído em princípios do ano corrente, estando já praticamente concluída sua composição tipográfica. Assim que isso se verifique será iniciada imediatamente a preparação do tomo III, para o qual já contamos com abundante matéria, produzida em sua maior parte no próprio instituto.

Uma nova publicação, com o nome de "Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia", foi inaugurada em Novembro de 1940, procurando concretizar velho projeto de facilitar a divulgação imediata de notas prévias, descrições de formas novas e tudo quanto, já pela natureza de assunto, já pela exiguidade da paginação, me parecera ser inadequado aos "Arquivos".

Outra iniciativa levada a efeito pelo Departamento de Zoologia na parte referente às publicações, foi a reedição facsimilar do tomo I da "Revista do Museu Paulista", tornado de há muito extrema raridade, visto a pequenez de sua primeira tiragem. Dêste trabalho, de grande delicadeza e responsabilidade, incumbiu-se o Snr. Carlos A. de Camargo Andrade, que é o atualmente encarregado de acompanhar na Imprensa Oficial a impressão de tôda a matéria editada pelo Departamento, ocupando-se, além disso da revisão acurada das provas. Tarefa sobremodo relevante e não raramente penosa, exige êsse serviço as atividades tôdas de quem a êle se dedique. Pois é sabido que sem a assistência diuturna de pessoa versada em assuntos zoológicos e conhecedora de sua literatura, é de todo impossível dar a lume na especialidade trabalhos capazes de acolhida benévola por parte dos enten-

ditos, e de não comprometer os foros de cultura do país em geral e da repartição editora em particular. Assunto êsse, seja dito de passagem, em que procuro por todo capricho, mau grado as dificuldades e óbices, nem sempre apenas materiais, que é necessário a cada passo contornar ou remover.

A índole e as finalidades do Departamento de Zoologia obrigam-no porém ainda a maiores empreendimentos no campo da publicidade. Sem prejuízo dos "Arquivos" e dos "Papéis Avulsos", a ocasião virá de dar a lume monografias extensas e convenientemente ilustradas sobre a fauna brasileira. Já o "Catálogo de Aves" lucrará em ser publicado independentemente daquelas duas séries. Como a verba consignada para publicações em nosso orçamento é insuficiente para atender a todos êstes reclamos, é forçoso prever para os futuros exercícios razoável acréscimo, ficando as necessidades dêste ano para serem supridas mediante transferência oportuna de verbas porventura disponíveis.

COOPERAÇÃO COM OUTROS INSTITUTOS

É por demais conhecido nosso atrazo no terreno da cooperação entre os institutos técnicos e científicos, defeito aliás oriundo principalmente da minguada capacidade de que ainda nos ressentimos de nos ajudarmos mutuamente, pondo acima dos interesses mais estreitos o desejo desprendido de concorrer para o progresso real da ciência, considerada como patrimônio geral da coletividade humana.

Não obstante, pode o Departamento de Zoologia felicitar-se pelas boas relações que mantém com os mais importantes dos nossos institutos técnicos similares. Do Museu Paulista não necessitarei falar; trabalhando com êle lado a lado e sob o mesmo teto, mantêm-se vivas as mesmas tradições de lealdade e camaradagem dos tempos em que eramos parte integrante de sua estrutura.

O Instituto Oswaldo Cruz, que se poderia apontar como líder entre as organizações nacionais votadas às investigações científicas, mantém-se em assídua cooperação com o Departamento de Zoologia, já através da correspondência trocada entre ambos, já na realização em comum de excursões de estudo e de coleta. Com o Museu Nacional, que é no País a nossa instituição irmã, mantemos também os melhores laços de coleguismo e intercâmbio. Graças a elas, não houve dificuldade em obter a permissão para estágio em seus laboratórios de funcionária nossa, interessada pelo estudo dos Peixes, grupo em que naquela casa se têm exercitado nomes de projeção nas nossas letras zoológicas.

Com as instituições científicas de São Paulo, é óbvio que devemos manter também assíduo contacto. Assim, frequentam nossa biblioteca e nossas salas de trabalho professores e técnicos da Faculdade de Ciências da Universidade de São Paulo, da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Medicina Veterinária, do Instituto Biológico, do Instituto Butantã, do Instituto Agronômico de Campinas, além de tantos outros. No campo da cooperação é oportuno assinalar a constante boa vontade que temos encontrado por parte do Departamento de Indústria Animal e do Serviço Florestal do Estado, dignamente dirigidos pelos Snrs. Drs. Paulo de Lima Corrêa e José Camargo Cabral, o primeiro facultando-nos, pelo seu Serviço de Caça e Pesca as autorizações necessárias para as excursões de coleta, e o último consentindo em explorar a magnífica reserva florestal da Serra da Cantareira.

Do Pôsto Experimental de Piscicultura, em Pirassununga, em permuta com volumes da "Revista do Museu Paulista" e dos "Arquivos de Zoologia", recebemos 15 espécimes de peixes fluviais, dos mais característicos da fauna do Rio Mogí-Guassú.

Não se tem limitado o Departamento de Zoologia a cooperar com os institutos técnicos nacionais. Abstraída a permuta regular de publicações, fonte principal do engrandecimento de nossa Biblioteca, relações mais estreitas vimos mantendo com alguns dos muscus mais importantes dos Estados Unidos, entre os quais merece destacar o "Muscus Comparative Zoology do Harvard College", o "Field Museum" de Chigago, o "National Museum", de Washington, e o "American Museum" de New York. Com o primeiro mantínhamos, desde os tempos do Museu Paulista uma salutar e proveitosa cooperação no campo das explorações de campo, auxiliando-as financeiramente e participando proporcionalmente nos resultados obtidos. Só a crescente consideração dispensada no estrangeiro aos trabalhos em que nos vimos ocupando, há mais de um decênio, explicará a a honrosa inclusão do signatário destas linhas no seio de várias sociedades estrangeiras da especialidade que cultiva, tais como a British Ornithological Society e a The American Ornithologist Union.

Durante o ano de 1940 fizeram dádivas ao Departamento de Zoologia algumas entidades do mundo oficial e particular. Entre as mais valiosas e expressivas, figura uma fina coleção de exemplares empalhados de aves do Espírito Santo, onde as colecionara missão especial do Serviço Nacional de Febre Amarela, sob a chefia de Mr. Ernst G. Holt. Tal presente, com o nosso primeiro exemplar de *Neocrex erythrops*, veio-nos em retribuição às facilidades oferecidas àquele especialista, a quem o Departamento não hesitou em franquear suas coleções ornitológicas e literatura respectiva, quando aqui especialmente para estudá-las, estivera em companhia do Dr. J. A. Kerre, Diretor do Serviço de Estudos e Pesquisas sôbre a febre Amarela.

Também do Instituto Butantã, por intermédio do Dr. Flavio da Fonseca, recebemos apreciável benefício através de numerosos exemplares de aves empalhadas e alguns bugios (*Alouatta fusca*), caçados por aquele parasitólogo nas matas da Serra da Cantareira.

MÓVEIS E UTENSÍLIOS

A aquisição mais importante feita pela repartição no que toca a mobiliário foi a de 30 armários modelo Ihle, fruto da encomenda feita no ano de 1939 à Tapeçaria Schultze desta Capital. Móveis perfeitos, especialmente no que se refere ao acabamento externo, muito contribuirão para a possibilidade de pôr em boa ordem nossas coleções sempre crescentes de Insetos, Aves e pequenos Mamíferos. Dez obedecem o plano especial e se destinam à guarda da nossa coleção de crânios de Mamíferos, com tôda segurança a melhor e a mais vasta das existentes na América do Sul.

Adquiriram-se também à mesma casa algumas estantes para livros. Mantém a repartição, sempre em atividade, uma oficina de marcenaria. Graças a ela vamos conseguindo grandes armários com gavetas, de tipo modesto, mas de todo indispensáveis à substituição dos caixões pesados e impróprios em que eram

guardados antigamente os exemplares maiores de Aves e couros de Mamíferos de avantajado porte.

Cedidos pela Diretoria do Fomento Vegetal, recebeu o Departamento de Zoologia um certo número de móveis metálicos, como armários cirúrgicos e mesas, que muito contribuíram para o melhor aparelhamento do nosso laboratório de ictiologia. Também uma bonita mesa metálica, com lastro de mármore, cedida pelo Serviço de Arrecadação da Diretoria Administrativa, foi posta a serviço do mesmo laboratório.

Breve, com a passagem da repartição para o prédio que se lhe destina, impor-se-á a aquisição de vasto mobiliário, necessário, principalmente à nova instalação da biblioteca, à exposição pública e à sala de conferências.

Eis o que me cabe dizer sôbre as principais ocorrências na vida do Departamento de Zoologia, durante o ano de 1940, próximo findo.

A vossa excelência, senhor Secretário, tenho a honra de apresentar os protestos de minha mais alta consideração.

São Paulo, 15 de janeiro de 1941.

Oliverio M. de Oliveira Pinto.

SÔBRE O LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA FUTURA SEDE DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA DA AGRICULTURA

NOTÍCIA SÔBRE A CEREMÔNIA

Em data de 9 de julho de 1940, foi solenemente lançada, com o comparecimento das altas autoridades do Governo de S. Paulo, a pedra fundamental da futura sede do Departamento de Zoologia.

Noticiando esta ocorrência, resume-lhe os principais fatos o *Correio Paulistano* de 10 de julho, no trecho que a seguir se transcreve, com a devida venia:

“Realizou-se ontem, sob a presidência do sr. Interventor Dr. Adhemar de Barros e com a presença dos Secretários da Agricultura, da Viação e da Educação, srs. Levy Sobrinho, Guilherme Winter e Mario Lins; do delegado do Trabalho em São Paulo, sr. Luis Mezzavilla; do diretor geral da Secretaria da Agricultura, sr. José de Paiva Castro; dos chefes de serviços dessa Secretaria, srs. Victor de Carvalho, Octacilio Tomanik, Henrique Doria de Vasconcellos, Juvenal Mendes de Godoy, F. C. Hohene, Jame Cavalcanti, diretor do Instituto Biológico; capitão Antonio de Almeida Candeira, representante do comandante geral da Fôrça Pública; Tito Franco da Rocha, representante do Prefeito da Capital; Oscar Thompson, oficial

de gabinete do sr. Secretário da Agricultura; Lellis Vieira, diretor do Departamento do Arquivo do Estado, a cerimonia do lançamento da pedra fundamental do Departamento de Zoologia, em terrenos que confinam, pelos fundos, com o Museu Paulista.

As 11.30 horas, precisamente, chegou ao local o sr. Interventor Dr. Adhemar de Barros, acompanhado de seu ajudante de ordens, tenente Armando Salles, e do sr. secretário da Agricultura, tendo o Dr. Oliverio Mario de Oliveira Pinto, diretor daquele departamento, recebido s. exa., à entrada do terreno, acompanhando-o até ao ponto em que, daí a momentos, foi lançada a primeira pedra.

Lavrada a ata alusiva à cerimonia, pelo Sr. Dr. Abilio Fontes Junior, secretário do Departamento de Zoologia, foi a mesma lida e encerrada, juntamente com jornais do dia e moedas em circulação, na urna préviamente preparada.

Usou da palavra, então, o Dr. Oliverio Mario de Oliveira Pinto, que pronunciou um longo discurso alusivo ao ato e no decorrer do qual se referiu, com carinho a essa obra administrativa do Sr. Interventor. Dr. Adhemar de Barros, a primeira que se pratica em São Paulo em beneficio da zoologia.

O Sr. Interventor Dr. Adhemar de Barros, a seguir, discursou, também, referindo-se à própria iniciativa para dizer que, não somente nesse como nos demais sectores da administração pública, cuidava de dar acomodações melhores às dependências do Estado para que os seus servidores possam desempenhar-se melhor e com mais rendimento das funções que lhe são cometidas.

A seguir, foi a urna colocada por baixo da pedra fundamental do futuro edificio e cimentada esta pelo Chefe do Governo, Secretários de Estado e demais autoridades presentes, tendo, assim ficado iniciada a grande obra confiada aos cuidados e competência do arquiteto Christiano das Neves".

Discurso proferido pelo Diretor do Departamento de Zoologia

"Atos de tão transcendente significação como êste a que estamos assistindo falam por si mesmos; as mais brilhantes imagens e os períodos mais verbosos, com que porventura quiséssemos solenizá-los, ficariam sempre abaixo de sua eloquência muda.

Numa época em que a humanidade, sobressaltada por grandes desgraças, olha aterrada para o futuro, entenebrecido pela guerra e pela destruição que lavra de outro lado do planeta, dir-se-ia impossível presenciarmos empreendimentos como êste, que tão vivamente traduzem nossa grande confiança nos próprios destinos e a imperturbável vontade de marchar para diante, sob a inspiração de um ideal construtivo de prosperidade, cimentada pela paz.

Lançando os primeiros fundamentos do edifício do Departamento de Zoologia, instituto científico herdeiro, pelas suas origens, de respeitáveis tradições e inestimável patrimônio, atrai sobre si o Poder Público os mais justos e calorosos aplausos, despertando o entusiasmo e a estima de quantos, estranhos embora às esferas intelectuais, amam verdadeiramente a Pátria, e anseiam por vê-la cada vez mais forte e adiantada, pelo esforço, inteligência e capacidade de seus filhos.

Assiste-se ainda talvez ao fato mais expressivo, de que, despertando afinal de nossa velha e tradicional indiferença perante quasi todos os domínios do saber positivo e da ciência militante, nos decidíramos afinal a abandonar resolutamente a triste posição de simples usufrutuários das conquistas alcançadas por outros povos, certamente melhor aparelhados mercê de um passado mais longo, mas nem porisso os únicos capazes.

No que tange particularmente à história Natural e abstração feita da obra ingente de alguns raros precursores, esquecidos pela nossa ignorância ou feridos pela nossa ingratidão, até começos deste século, quasi tudo quanto sabíamos provinha de fonte peregrina, como lição dos investigadores alienígenas que entre nós estiveram, já como viajantes transitórios, já como hóspedes permanentes. Não vem a propósito desfiar a longa teoria destes sábios, que a partir da abertura de nossos portos, afluiram às nossas plagas, ávidos por desvendar os segredos de sua natureza exuberante, para eles promessa tentadora de facinantes surpresas e para nós motivo apenas de expansões líricas. Desdenhando quaisquer privações e arrostando todos os perigos, penetraram até as paragens mais distantes dos nossos sertões, colhendo-lhes o melhor na generosa messe de seus produtos e opulentando com êsses tesouros os gabinetes e museus do Velho Mundo. Os lances desse ciclo maravilhoso de descobertas perpetuaram-se em obras memoráveis, vasadas nos mais diferentes idiomas, de que só nestes últimos anos se vem fazendo ativamente a versão para o vernáculo, como nova prova de que já agora despertam o nosso interesse, atraem a nossa atenção e merecem a nossa estima.

Não admira, portanto, a desconfiança com que os meios científicos estranhos ainda hoje recebem farta vez a nossa contribuição, tratando-nos por assim dizer como intrusos e porfiando por manter-nos afastados de um campo que, por culpa nossa, acostumaram-se a considerar seu exclusivo privilégio. Destruir este falso e humilhante preconceito é, todavia, o primeiro dever imposto pela nossa dignidade e patriotismo. Só o conseguiremos, porém, a custa de longo esforço, de in-



Lançamento da pedra do Departamento de Zoologia — O Sr. Interventor, empunhando a simbólica colher de pedreiro, tem à sua direita o Sr. Major Levy Sobrinho (Secretário da Agricultura) e, em seguida a êste, o Dr. Mario Lins de Barros (Secretário da Educação e Saúde)



Lançamento da pedra fundamental do edifício do Departamento de Zoologia. — O Sr. Interventor no Estado procede ao encerramento dos documentos na urna adrede preparada.



Cerimônia do lançamento da pedra fundamental do edifício futuro do Departamento de Zoologia. — O Diretor ao lêr o seu discurso



Aspecto da cerimônia do lançamento da pedra fundamental

flexível perseverança, rigorosos métodos de observação, e, principalmente, inatacável probidade científica.

Nessa campanha rehabilitadora de sadio e nobre nacionalismo, em que já militam triunfantes tantos nomes e instituições científicas nossas, aspira também modesto posto o Departamento de Zoologia, direta continuação que é da antiga secção zoológica do Museu Paulista.

Dá-lhe êsse direito a fôlha apreciável de serviços já prestados por esta última, alternando o esforço de penosas expedições aos nossos sertões mais longínquos com as atividades silenciosas de gabinete, onde, por fim, se apuram e balanceiam os resultados obtidos, à luz da reflexão e do estudo, em face dos documentos acumulados.

Subordinado à Secretaria da Agricultura, o Departamento de Zoologia, cuja existência autônoma não menos se justifica do que a de outros serviços votados à investigação do meio físico, tem como fins o inventário metódico de nosso imenso patrimônio faunístico, a determinação da área de dispersão de seus componentes, das relações que mantêm entre si ou com a vida humana, com os animais domésticos, ou as plantas cultivadas. Assim, em outras palavras, sua função é, antes de tudo, a Zoologia taxinômica, o que vale dizer a sistemática, expressão malsinada, sôbre que se tornou moda arremessar tôdas as sêtas de ironia, com o intuito de deprimir a importância do ramo de conhecimentos que ela nomeia, base mesma, entretanto, de todo saber positivo no campo da História Natural, digam o que disseram os que não queiram ou não possam praticá-la com acêrto, sentindo-se embora os primeiros a não poder dispensar o seu concurso. Fisiologistas, biólogos, sanitaristas, fitopatologistas, veterinários, nada lograriam fazer no domínio das suas especialidades, não fosse a ajuda do sistematista, que lhes determina os seres envolvidos em suas observações e estudos. Tampouco pode passar sem ela o filósofo desdenhoso dos problemas mezinhos das aplicações práticas; pois, em tôrno dela e sob sua inspiração, é que se construíram os sistemas mais capazes de satisfazer os nossos desejos de generalização e de compreensão global do mundo vivo, e quiçá de todo Universo.

Investido de finalidades bem precisas, que vão desde o inventário faunístico e o recenseamento zoogeográfico, até à determinação das espécies animais que lhes sejam submetidas a exame, não teme o Departamento de Zoologia colisão com instituições outras, votem-se elas ao ministério do ensino universitário, ou à defesa e fomento da produção. Museu e instituto de pesquisa, escola e laboratório, será, pelo contrário, o indispensável complemento destas últimas, mantendo com elas os me-

lhores propósitos e, dentro de suas atribuições, prestando-lhes tóda assistência possível.

A posse de sede própria para executar os seus trabalhos representa, sem dúvida, para o novo instituto, a mais extraordinária conquista. Ela atenderá às necessidades maiores oriundas da sua existência independente; trará definitivo remédio à situação, que lhe crearam as circunstâncias, de hospede, por assim dizer, de instituição diversa, lutando desde o início com uma falta de espaço que não tem feito senão crescer dia por dia, de modo a se constituir obstáculo terrível à sua atividade normal e a comprometer gravemente a própria conservação de seu imenso acêrvo, acêrvo tão importante e valioso, que eminente personagem de um dos primeiros institutos norte-americanos similares, ao vêr nossas coleções de material zoológico brasileiro, afirmara não conhecer, em qualquer parte, outras que lhes levem vantagem.

Há, porém, muita coisa ainda, não menos importante, a fazer em seu benefício. Sua estrutura mesma, imponente e agigantada, grandemente lucraria em talhar-se sob moldes mais modestos e por isso mesmo mais em proporção e harmonia com os nossos recursos e as nossas necessidades. Longe de ser um retrocesso, significaria isso, a meu ver, verdadeiro passo para diante; possibilitaria a emprêsa, hoje inexequível, de pôr-lhe em atividade e funcionamento homogêneos tódas as secções, sanando o chocante contraste da hipertrofia de umas, com a debilidade ou o silêncio completo de outras. De nada, todavia, valerá prover às suas necessidades materiais, se a par disso não se dispuzesse o Govêrno a dispensar-lhe a mesma carinhosa atenção no que toca ao número e à qualidade de seus servidores. Para cumprir seu programma e saldar os seus compromissos, fôrça é que se amplie o seu corpo de técnicos, buscando-os onde porventura se encontrem, e escolhendo-os, se não pelo critério rigoroso das capacidades firmadas, pelo do aproveitamento das vocações verdadeiras. Estas, felizmente, não nos escasseiam, reveladas muitas vezes desde os primeiros anos e mantidas milagrosamente intactas a despeito de todos os desenganos, indiferentes aos obstáculos que cada passo lhes poem à prova os primeiros entusiasmos.

Porque, especialmente nas instituições científicas, à competência funcional é mister sempre se associe grande dose de idealismo, de renúncia e de desapêgo. Só sob essa condição vê-las-emos prosperar, como uma colmeia de laboriosas abelhas, sempre prontas a reconhecer o melhor prêmio nos frutos do próprio trabalho, indiferentes às rivalidades que destróem e esterilizam, sobranceiros às pequeninas preocupa-

ções pessoais, tão nocivas ao indispensável espírito de cooperação, à boa vontade recíproca e até ao equilíbrio mesmo da inteligência.

Ao terminar, Senhor Interventor, posto que, sem embargo dos inúmeros e complexos problemas de uma governança tão fértil em empreendimentos do maior alcance social, em suas preocupações houve lugar para interessar-se pessoalmente pelo nosso instituto, seja-me permitido exprimir a Vossa Excelência, de par com as nossas homenagens ao Exmo. Sr. Secretário da Agricultura, o intenso júbilo e reconhecimento de que nos achamos possuídos todos nós que trabalhamos no Departamento de Zoologia, e bem assim as nossas grandes esperanças de que a êle nunca faltarão meios para desobrigar-se dignamente de sua relevante tarefa, honrando a administração que lhe dera existência, servindo aos interesses de São Paulo e contribuindo assim pela maior prosperidade e grandeza da grande Pátria Brasileira.”

SÔBRE AS FINALIDADES E RESULTADOS DA EXCURSAO FEITA AO RIO DOCE (MINAS GERAIS) PELO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA ENTRE AGOSTO E OUTUBRO DE 1940.

(Entrevista dada ao “Estado de S. Paulo”
e publicada por este órgão da imprensa
em 20 de Outubro de 1940)

O que o Departamento de Zoologia, da Secretaria da Agricultura, faz com êsse fim — As necessidades dessa dependência em função de sua importância científica e cultural — As coleções zoológicas reunidas no Museu Paulista são de grande valor na América do Sul — Expedições, técnicos, ciêntistas e a exposição de aves hoje aberta aos frequentadores do Museu Paulista.

“Hoje, durante as horas de visita regulamentar ao Museu Paulista, os seus frequentadores e outros curiosos vão ter oportunidade para observar as coleções de pássaros, organizadas com o material colhido na última expedição, realizada e chefiada pelo diretor do Departamento de Zoologia, SR. DR. OLIVERIO MARIO DE OLIVERIO PINTO, nome assaz conhecido nos meios científicos nacionais e estrangeiros, com os quais conseguiu cimentar as melhores relações, alimentadas pelo intercâmbio cultural mais proveitoso. Com essa orientação, cujo valor e significação nunca será demais realçar, os créditos nossos, como país cultor das ciências naturais, se vão consolidando, despertando os melhores conceitos. E dos resultados

de um trabalho, como o que tem sido e continuará a ser feito pelo Departamento de Zoologia, maiores vantagens colherão o Brasil e os brasileiros, de um ponto-de-vista particular, e a ciência, com eles, será exalçada se as atividades daquela repartição forem, como devem ser, consideradas como expressão universal de civilização.

Entrevistando-se com o SR. DR. OLIVERIO PINTO, êste jornal envidou esforços por conseguir, através da palavra autorizada de um nosso cientista, dar a conhecer a todos um assunto interessante, não só por seu lado científico, como pelas revelações peculiares ao ambiente natural de nosso país.

O entrevistado foi surpreendido em seu gabinete, no Departamento de Zoologia, provisoriamente instalado em uma das dependências dos altos do Museu Paulista, no Ipiranga. Ao atravessar a crista do telhado do Museu, para alcançar uma das torres, teve o reporter ocasião de divisar, ao longe, nos fundos do parque, as primeiras paredes da futura sede do Departamento, cuja pedra fundamental foi, há pouco, lançada por sua excelência o Sr. Interventor Federal. Ainda nessas alturas, formulámos um voto: o da conclusão rápida de tais obras. Com elas, estão nascendo as bases sólidas de um dos ramos das ciências naturais no Estado, na sua feição atraente de pesquisa, de elucidação e definição, de onde surgirão os técnicos, os cientistas e os didatas. Uns substituirão os antigos e atuais cientistas que perlustraram os nossos sertões e matas; outros ensinarão e escreverão, para a mocidade e os leigos, os livros em que, substituindo os leões, os tigres, os camelos, os rinocerontes, as girafas e as grandes águias, aparecerão os nossos coatís familiares, os irriquetos macacos, as pacas esquivas, os sorrateiros urús, as meigas pombas do mato, os bulhentos colheireiros, as ciriemas velozes, as belas garças e os longos socós tristonhos.

Com uma esperança no futuro e a visão presente de um feito incipiente, mas, vigoroso, o reporter solicitou ao diretor do Departamento de Zoologia, Sr. Dr. OLIVERIO PINTO, que tomasse a palavra, abrindo aos nossos olhos, para o transmitir aos leitores, o espetáculo deparado nas regiões faunísticas do país.

— A última excursão que fizemos, começou s. s., pertence a um rol de outras, compreendendo um verdadeiro programa de exploração metódica, iniciado pelo Museu Paulista e levado avante pelo atual Departamento de Zoologia, da Secretaria da Agricultura. Executando tal programa, já visitámos os Estados: de Mato-Grosso, onde atingimos Cuiabá, Aquidauana, Três Lagoas e Campo Grande; de Goiaz, onde foram percorridas as zonas dos rios das Almas e Meio-Ponte; da Baía, cujo Recôncavo explorámos, conhecendo a seguir, os rios Gongojí e Jucurucú; do Amazonas, onde percorremos o rio Solimões; de Pernambuco, onde perlustrámos a ilha de Itamaracá, passando depois a Tapera; de São Paulo, onde explorámos Juquiá, Valparaíso e Silvânia. Agora, estivemos em Minas Gerais.

Em tôdas essas excursões, algumas promovidas com a cooperação do *Museum of Comparative Zoology*, do Harward College, foi obtido farto material zoológico, com especialidade, aves, notando-se então a oportunidade de, pela primeira vez, serem descritas numerosas formas ainda não conhecidas pela ciência.

— Mas, insistiu o reporter, como surgiu a idéia da excursão zoológica ao Estado de Minas Gerais?

— A idéia dessa expedição — esclareceu o SR. DR. OLIVERIO PINTO — surgiu, em grande parte, do desejo de aproveitar uma ocasião única para documentar a fauna característica da zona do rio Doce, fauna destinada fatalmente a desaparecer

com a destruição das matas. É conhecida a importância considerável que os estudos zoo-geográficos têm, no momento atual, estudos que só podem ser levados a bom termo mediante uma exploração racional de diferentes zonas, de modo a serem satisfatoriamente representadas nos museus, onde os técnicos efetuam observações minuciosas, utilizando, entre outros, os recursos bibliográficos. E tínhamos razão em considerar excepcional a ocasião, pois, durante a expedição, houve ensêjo de observar a intensa atividade desenvolvida pelos carvoeiros que alimentam as numerosas usinas de fundição entre as quais merecem destaque especial, por suas proporções, as da Companhia Belgo-Mineira, com sede principal em Monlevade. O crescimento da grande siderurgia vai tendo como consequência a completa e breve extinção das opulentas reservas florestais, tão celebradas pelos viajantes naturalistas.

Fomos, assim, em busca de um panorama prestes a desaparecer. Felizmente, trouxemos interessantíssimos documentos fotográficos, cujo valor crescerá na medida dos anos que forem transcorrendo. Além deste argumento, que militou em favor da expedição, outro ocorreu e que, para nós, se revestiu da máxima significação: a cooperação dos Srs. ALFONSO M. OLALLA e W. GARBE, profissionais de merecido renome, a cujo encargo ficaram os trabalhos de preparação e taxidermia.

Além dessa cooperação, que constituiu uma condição segura de bom êxito, a expedição, frisou ainda o SR. DR. OLIVERIO PINTO, encontrou a melhor boa vontade na Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais, sob cuja jurisdição se encontra o Parque Florestal, onde fizemos uma de nossas estações.

Houve, portanto, um motivo de ordem premente que nos impeliu a escolher a zona do rio Doce, em Minas. Com efeito: bem conhecida na parte baixa, correspondente ao Estado do Espírito Santo, a fauna de mamíferos e aves do trecho mineiro era até aqui praticamente inexplorada. Para bem investigá-la, durante a expedição do Departamento de Zoologia, dividimos a zona do Vale do Rio Doce em três estações de coleta:

1.^a) — Foi feita no Parque Florestal, nome dado a uma grande reserva de matas que o govêrno do Estado de Minas Gerais resolveu poupar na margem direita do rio Piracicaba, próximo à sua confluência com o rio Doce e não distante da Estação de Coronel Fabrício (antiga Calado). Aí trabalhamos durante três semanas.

2.^a) — esta estação de coleta foi feita em ponto mais baixo, junto à foz do rio Suassuí, afluente setentrional do rio Doce. O local é recoberto por densas florestas que se estendem ininterruptamente até os limites dos Estados de Espírito Santo e da Baía.

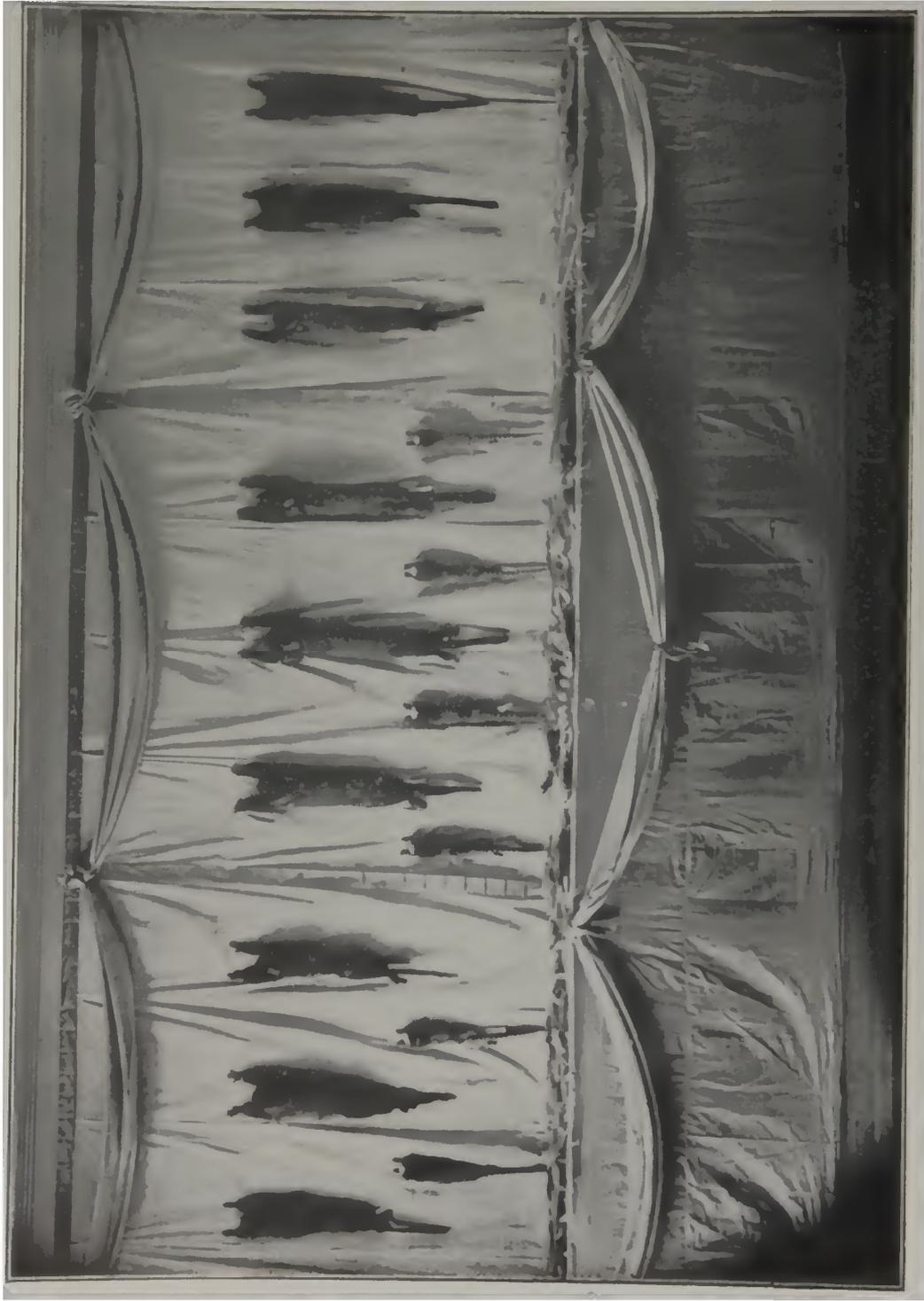
3.^a) — A terceira e última estação foi localizada ao norte da Estação Presidente Vargas (antiga S. José da Lagoa), não muito distante de Itabira, região montanhosa e elevada de sobejo conhecida em todo o mundo pela sua extraordinária riqueza em minério de ferro.

Os resultados da nossa expedição foram, sem qualquer sombra de modéstia, brilhantes: basta informar que, afora peixes, insetos e representantes de numerosos grupos zoológicos, foram trazidos 71 exemplares de mamíferos e 1.459 de aves. A nossa contribuição subirá de nível em seu valor se se tiverem em conta muitas circunstâncias desfavoráveis, entre as quais a sêca extraordinária, que neste ano tem flagelado tôda a parte meridional do país, e o grande empobrecimento da

fauna da região, frequentada com assiduidade pelos caçadores. Entre o material trazido, avulta grande variedade de surucuás, extensa coleção de beija-flores, numerosos tucanos e um belíssimo exemplar do raro "crejoá" (*Cotinga cincta*), um dos ornamentos mais vistosos da avifauna nacional. Foram reunidos, também, inúmeros documentos fotográficos das diferentes etapas percorridas pelos componentes da expedição, merecendo referência especial as que se relacionam com o fabrico do carvão para a grande siderurgia, desde a derrubada das matas até o transporte final do produto.

A coleção de aves do Departamento de Zoologia é já hoje — afirmou o SR. DR. OLIVERIO PINTO — a mais rica e valiosa das existentes no país e, quiçá, da América do Sul, subindo a mais de 20.000 exemplares, procedentes de todos os Estados e colecionados em diferentes épocas. Um dos trabalhos, de que mais se ocupa atualmente o Departamento, é o preparo da parte final do Catálogo Geral das Aves do Brasil, por mim elaborado e do qual a primeira parte já saiu a lume. Há dificuldades, sem dúvida, ao se colimar um fim tão complexo, quanto é o objetivado pelo Departamento. Entretanto, êste tem conseguido realizar progressos apreciáveis. Assistido, com o mais compreensivo interêsse pelas altas autoridades competentes, o Departamento de Zoologia conta ainda com um grupo de especialistas apaixonados pela ciência, zelosos e prontos para tôdas as tarefas. Numa ocasião como esta, em que dou a público uma amostra do que fazemos, desejo enfileirar como colaboradores cordiais e dedicados os SRS. FREDERICO LANE e CARLOS AMADEU DE CAMARGO, que se ocupam de coleópteros; LINDOLPHO GUIMARÃES, cujas preferências se dirigem para os insetos ecto-parasitas e malófagas; LAURO TRAVASSOS FILHO, estudioso das borboletas; DON JOSÉ KRETZ e sua assistente, D. ANTONIA AMARAL CAMPOS, dedicados à ictiologia; e CARLOS DA CUNHA VIEIRA, que se ocupa de mamíferos, com especialidade, dos morcegos. Há, no Departamento, alguns estudiosos de vários grupos zoológicos, cujo aproveitamento poderia ser feito, com vantagem para maior progressão dos trabalhos. Isto supriria certa insuiciência, quanto ao número, do pessoal técnico e científico. Hoje em dia, disse-nos ainda o SR. DR. OLIVERIO PINTO, os trabalhos exigem especialização estrita de maneira que não há evitar a necessidade de organizar uma numerosa equipe de técnicos.

Ao se retirar, agradecendo a gentileza das informações colhidas, o reporter saiu convicto de que as atividades do Departamento de Zoologia, da Secretaria da Agricultura, atendem a um pesado compromisso da dignidade nacional. Depois que o Brasil, criando leis protetoras de seus patrimônios histórico-natural, creceu aos sábios alienígenas as facilidades com que antigamente contavam para vir estudar as nossas coisas, ficou o país na obrigação moral de continuar a tarefa científica por outrem começada. Contndo, requisitos especiais se exigem para que se possam levar avante obras dêste tômo e de tal natureza porque não basta confiar a terceiros a missão de penetrar as matas e varejar os sertões para, em seguida, estudar comodamente, no confôrto dos gabinetes, os materiais trazidos dessas peregrinações. Faz-se mister que os próprios entendidos, abrindo temporariamente mão das vantagens que a civilização oferece nas grandes cidades, se conformem em enfrentar os sacrifícios exigidos pelas longas caminhadas em zonas, muitas vezes, insalubres e desprovidas de quaisquer recursos. Conhecendo a natureza com seus próprios olhos, terão outra base e outro incentivo, para realizar no laboratório os estudos a que tenham encaminhado suas preferenciais. Neste terreno, todavia, muito resta a fazer: os recursos postos pelo poder público à disposição dos institutos científicos são



Expedição zoológica ao vale do Rio Doce (Minas). Aspecto da exposição do material trazido



Aspecto da exposição do material colecionado pela Expedição ao Rio Doce. — Ao alto, o belo exemplar de *Urubitinga urubitinga*, oferecido por S. Exa, o Dr. ADHEMAR DE BARROS



Exposição do material colhido no Rio Doce. — Homenagem do Departamento de Zoologia às altas autoridades governamentais do País e do Estado.

ainda modestos e não atendem as exigências normais dessas iniciativas. Com efeito, se se fizer abstração da grande expedição realizada no Brasil Central pelo general Rondon e pelo presidente Theodor Roosevelt, todos os outros empreendimentos da espécie têm sido efetuados com magros recursos, que impedem a congregação de elementos técnicos, científicos e materiais, capazes de garantir bonsucesso e de dar, a quem os concedeu, foros de uma estirpe altamente empreendedora.”



SECRETARIA DA AGRICULTURA,
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

ARQUIVOS
DE
ZOOLOGIA
DO
ESTADO
DE
SÃO PAULO

VOLUME II

(TOMO XXV DA
REVISTA DO MUSEU PAULISTA)

1 9 4 1

